

CAMINHAR

Exercício paisagístico pela
Vila Anglo Brasileira

CAMINHAR

Exercício Paisagístico
pela Vila Anglo Brasileira

Mario Barbosa Ferreira

Orientador: Artur Simões Rozestraten

Trabalho final de graduação

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Universidade de São Paulo

São Paulo / **2022**

agradecimentos

Ao Artur, pela sensibilidade, entusiasmo e paciência com o qual me guiou no processo deste trabalho. Desde a primeira fagulha como ideia, até sua finalização.

À Vania, minha mãe, por todo apoio e dedicação incondicionais na criação dos filhos. Minha grande fonte de amor, força e inspiração.

Ao meu irmão, Otávio, primeiro e eterno amigo.

Ao meu pai, Armando, que a sua maneira, me ensinou a admirar as plantas e a natureza como um todo.

A toda minha família e antepassados sem os quais eu nunca teria chegado até aqui.

Aos grandes amigos Guga, Bebeto, Renato, Lourenço, Thiago e Gustavo.

Às trocas diárias e amor da minha melhor companhia, Louise.

A todos os meus colegas e professores que contribuíram para a minha formação.

Ao grande vô Mario, que me mostrou tantos caminhos e lugares pela cidade. Me ensinou a aproveitar os pequenos momentos e a enxergar a beleza da simplicidade.

Ao meu lugar.

/resumo

Discreta entre os conhecidos bairros da Vila Madalena, Pompéia e Lapa, a Vila Anglo Brasileira, permanece ainda hoje, em muitos aspectos, com características de uma São Paulo de décadas passadas, quando as ruas eram de paralelepípedos e os vizinhos se cumprimentavam no portão. Contudo, a orientação mercadológica que vem transformando tão rápida e drasticamente os bairros do entorno põe em risco não só as relações de habitar existentes na Vila Anglo, como também exclui do horizonte alternativas de se viver a cidade.

O mundo se revela a nós ao passo que nos deslocamos por ele, e o reinventamos à medida que percebemos o existente. Para tanto, dois conceitos conduzem a construção e o resultado do presente trabalho: o caminhar enquanto ato, e a experiência sensível enquanto atitude. Uma leitura no nível e motricidade do pedestre que possa reconhecer e articular os potenciais contidos nos elementos e vestígios conformadores do bairro, em uma proposta de desenho que os evidencie na paisagem.

De intenção paisagística lúdica e através de um **percurso**, este trabalho busca requalificar, articular e ressignificar os caminhos ocultos do bairro. Em um esforço pela identidade do lugar, suas memórias e ao imaginário coletivo, e que ofereça, dessa forma, mais caminhos para se vislumbrar outros modos de habitar, estimulantes de desejos e afetos.



Escadão
r. Bica de Pedra c/
r. Pedro Soares de
Almeida

Visual para o bairro
da Vila Anglo;
no horizonte, a Ser-
ra da Cantareira.

Foto: autoria própria,
2021.

/resumen

Discreta entre los conocidos barrios de Vila Madalena, Pompéia y Lapa, Vila Anglo Brasileira, todavía hoy, en muchos sentidos, tiene las características de una São Paulo de décadas pasadas, cuando las calles eran empedradas y los vecinos se saludaban en la puerta. Sin embargo, la orientación de mercado que ha ido transformando los barrios circundantes de manera tan rápida y drástica pone en peligro no solo las relaciones de habitabilidad existentes en Vila Anglo, sino que también excluye del horizonte formas alternativas de vivir la ciudad.

El mundo se nos revela a medida que lo recorremos, y lo reinventamos a medida que percibimos lo existente. Por tanto, dos conceptos guían la construcción y el resultado del presente trabajo: el caminar como acto, y la experiencia sensible como actitud. Una lectura a nivel y movilidad del peatón que sea capaz de reconocer y articular las potencialidades contenidas en los elementos y huellas que configuran el barrio, en una propuesta de diseño que los resalte en el paisaje.

Con una intención paisajística lúdica y a través de un recorrido, esta obra busca recalificar, articular y resignificar los caminos ocultos del barrio. En un esfuerzo por la identidad del lugar, sus memorias y el imaginario colectivo. Y así ofrecer más vías para vislumbrar otras formas de habitar que estimulen deseos y afectos.



r. Rifaina
vendo a r. Bica de Pedra

Em formato de "funil",
o bairro frequentemente
olha para si.

Foto: autoria própria,
2022.

”Deixe-me ir

Preciso andar

Vou por aí a procurar

Sorrir pra não chorar

Quero assistir ao sol nascer

Ver as águas dos rios correr

Ouvir os pássaros cantar

Eu quero nascer

Quero viver

índice

introdução / P. **14**



degeneração / P. **28**



caminhada como ferramenta
de (re)conhecimento e
transformação / P. **50**

desvio de rota / P.50

paisagem sensível / P.54

paisagem se torna lugar/ P.56

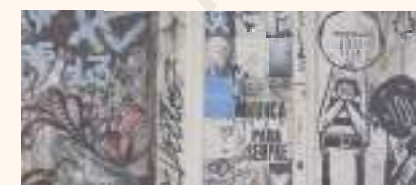


geração / P. **18**



caminhar como ação
crítica / P. **34**

breve panorama histórico



construir a
paisagem / P. **60**



uma proposta de
percurso / P. **82**

primeira entrada / P.84

segunda entrada / P.92

terceira entrada/ P.x100

quarta entrada/ P.106

entrecruzar / P.118

até a Fábria / P.128

o percurso / P.134

introdução

Se colocar na paisagem é se inserir no mundo e deixar que ele te adentre. Em outras palavras, atravessamos a paisagem ao passo que ela nos atravessa. Talvez, em um pensamento mais radical, concebemos a paisagem — como medida da manifestação da realidade — enquanto ela nos concebe.

Durante o primeiro semestre de 2021, na disciplina AUT0573, ministrada na FAU-USP pelo Professor Artur Rozestraten, nomeada “O Espaço e Suas Representações”, foi lançado a cada aluno o desafio de colocar sobre o próprio lugar de vivência um olhar de ineditismo e praticar, em um objeto tão familiar, o exercício de (re)conhecer.

O que a princípio pareceu desafiador (pois o familiar não suscita espanto, está coberto pela rotina que continuamente nos amortece), de forma inesperada se mostrou natural e revelador. Pois, a cada saída desprentensiva à rua, uma profusão de situações e elementos da paisagem se manifestavam aos sentidos, no nível e ritmo que somente a caminhada proporcionaria.

Especialmente importante por conta do compulsório isolamento social que a pandemia da COVID-19 nos submeteu nesse período, a proposta foi como um sopro de renovação em meio a ares de estagnação e incerteza, encarada como uma oportunidade atípica de experienciar o contato contínuo com os limites imediatos tão familiares.

Desse exercício de observação que se reproduzia semanalmente, novas camadas de entendimento se somavam às anteriores à medida que os encontros da disciplina aconteciam e as experiências eram compartilhadas na aula. O registro, então, passou a ser uma ferramenta de apreensão sensorial do espaço. Tudo acontecia de forma muito livre (por fotografia,

vídeos, desenhos, captura de áudios, textos, depoimentos colhidos, conversas, etc) e aparentemente despropositado. No entanto, tão logo as saídas se tornavam mais frequentes (em proposta de afastamento das pranchas e mapas para um contato mais direto com os afetos), esse novo modo de me colocar como espectador em minha própria “casa” reafirmava a importância da vivência e da experiência para a condução de uma leitura sincera e respeitosa com a realidade do lugar. O conteúdo que segue será como um desenrolar natural dessa metodologia tão reveladora de potências.



corte afetivo
Vila Anglo Brasileira

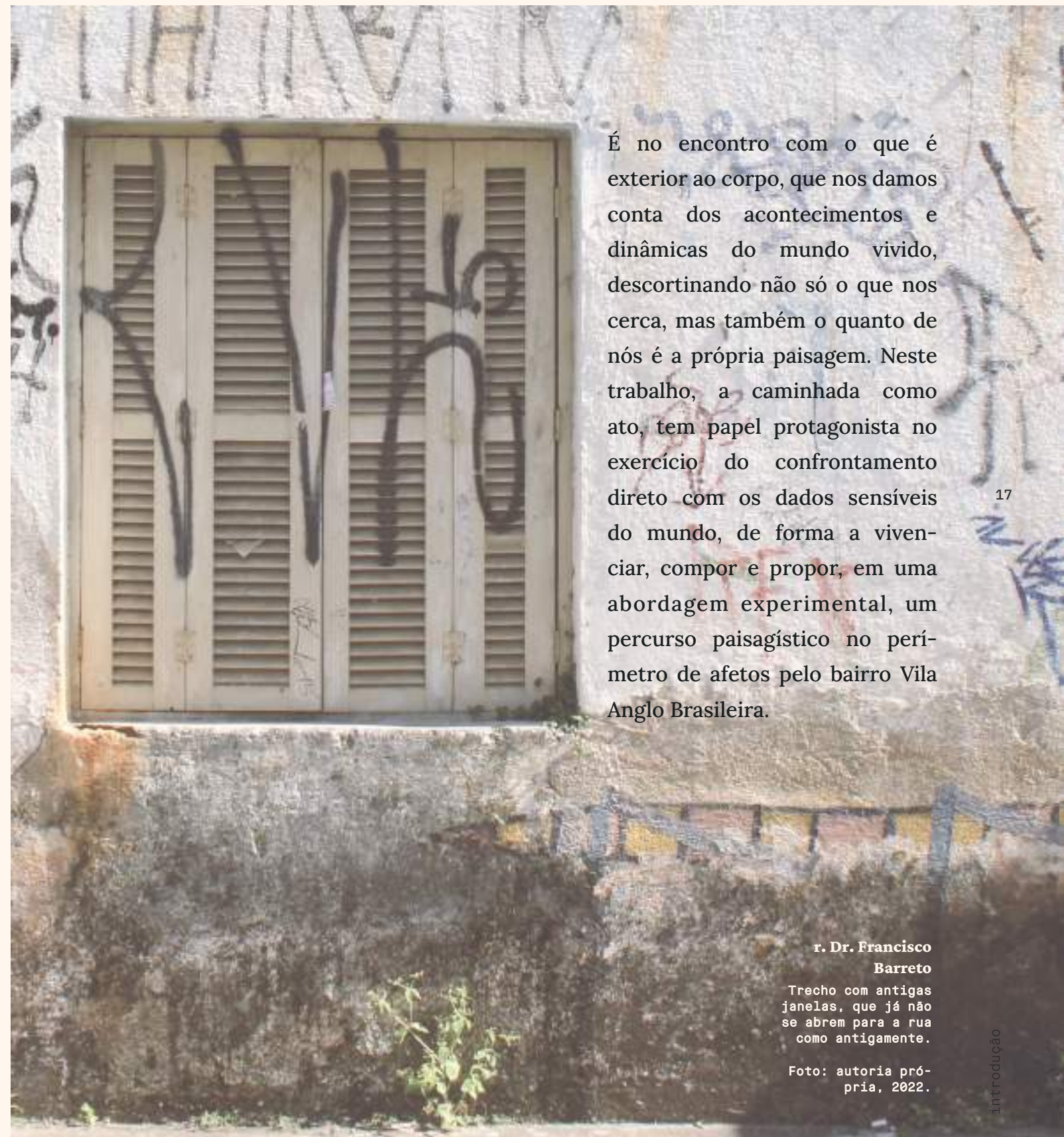
Parte do produto final na disciplina AUT0573, elaborado pelo autor, 2021.

Em seu livro “O gosto do mundo”, Jean-Marc Besse explora os significados da paisagem sob óticas de distintas áreas do conhecimento e sua multiplicidade de sentidos para além da noção cultural e material da inter-relação humano-natureza, ou do objeto científico traduzido objetivamente por mapas, gráficos e índices. A paisagem, mais intimamente, pode ser investigada como experiência sensível que se apresenta a nós. Fenômeno que confronta nossas subjetividades. Ou seja, segundo Besse:

a paisagem é
atestado da
existência de
um “fora”, de um
“outro”.

(BESSE, 2014, p.45)

Esse “outro”, colocado então no plural, pode ser compreendido pela contribuição coletiva de elementos conformadores da paisagem, que atribuem significados em latência o qual se expressam a cada vivente de forma única. “Experienciar a paisagem seria assim o acúmulo, cruzamento, interdependência das camadas simbólicas depositadas ao longo das gerações sobre o mundo envolvente que constitui a paisagem” (WEHMANN, 2019, p.120). Atribuída, então, de particularidades, singularidades e caráter próprio, a paisagem teria uma atmosfera, algo como uma alma expressa nos vestígios das sucessivas vivências. Ou, no termo latino tão caro ao arquiteto norueguês Christian Norberg-Schulz, um *genius loci* (espírito do lugar).



É no encontro com o que é exterior ao corpo, que nos damos conta dos acontecimentos e dinâmicas do mundo vivido, descortinando não só o que nos cerca, mas também o quanto de nós é a própria paisagem. Neste trabalho, a caminhada como ato, tem papel protagonista no exercício do confronto direto com os dados sensíveis do mundo, de forma a vivenciar, compor e propor, em uma abordagem experimental, um percurso paisagístico no perímetro de afetos pelo bairro Vila Anglo Brasileira.

r. Dr. Francisco
Barreto

Trecho com antigas
janelas, que já não
se abrem para a rua
como antigamente.

Foto: autoria própria,
2022.

geração

De ar bucólico e topografia marcante, o bairro é abrigo de antigas casinhas, – algumas anteriores aos anos 20 – bodegas tradicionais, chãos de paralelepípedo, escadarias, vielas, nascentes e uma porção de coletivos que ensejam uma vida urbana de mais convívio e afeto.

Sua origem se dá por volta de 1920 durante a ocupação de operários, imigrantes europeus e populações negras desamparadas, atraídos pelas oportunidades de trabalho nos chãos das fábricas. Que por sua vez se instalavam nas terras pouco valorizadas às margens do Rio Tietê junto às ferrovias por onde escoavam a produção.

O nome, Vila **Anglo** Brasileira, tem relação direta com a influência inglesa na construção da linha férrea e das tantas fábricas de tijolos em molde construtivo que remontam à revolução industrial de manufaturas têxteis e de louças, por exemplo. Alguns poucos edifícios fabris resistiram na paisagem ao renovarem seus programas, dando-lhes novos usos e função na cidade.

Fábrica de tambores abandonada

Construída em 1938

Incorporada ao projeto do Sesc Pompéia em 1977

Foto: Paquito,

O maior expoente é o Sesc Pompéia (a pouco mais de 1km da Vila Anglo), que abrigava antiga produção de tambores de metal. Lina Bo Bardi conta, em entrevista, as origens construtivas inglesas das instalações então preservadas e incorporadas em seu projeto de caráter histórico-social e, porque não, documental:

1972

“Concreto em estribo. Que é uma coisa internacional de maior importância. Conservação perfeita. Belíssimo. Plano que era de tipo inglês. De fábrica inglesa. Um exemplo de industrialização do fim dos anos 20, começo do 30.”

(BO BARDI em entrevista nos anos 80. Acervo SESC)



Para mim, o início são os anos de 1920, quando meus bisavós, João Barbosa (homem negro, filho de ex-escravizada com um português) e Ermelinda Cione (italiana recém imigrada), após terem seu sétimo e último filho, meu avô Mario, partem de Santa Rita do Passa Quatro, interior do estado, para fixar residência na Praça Rio dos Campos. Já meus bisavós, Maria Calvo e Antônio Vicente, pais de minha avó Degemar, partem os dois da Galícia na Espanha sem se conhecerem, para acabarem juntos aqui na Vila Anglo, também nos anos 20 do século passado.

Por essa época a paisagem era praticamente rural, oferecendo amplas perspectivas do entorno. De onde muito provavelmente se podiam ver as várzeas do Tietê e a Serra da Cantareira marcando a linha com o céu.

Depois de casados, meus avós permanecem habitando o bairro até o final da vida. Dentre seus três filhos, minha mãe, caçula e única mulher, continua conectada à terra de origem.



Família Barbosa
Ao centro, a primeira
geração: Ermelinda e
João.
Escadaria da Igreja
N. S. do Rosário da
Pompéia
Foto: acervo pessoal

1959

1955



Vista da Vila Anglo e
Vila Pompéia.
Fotografia tirada da
antiga casa dos meus
avós na r. Rifaina.
No topo à esquerda,
a Igreja N. S. da
Pompéia.
Foto: acervo pessoal

1958



Antiga casa da Rifaina com a paisagem do bairro ao fundo.

Vô Mario e seus filhos Wagner e Vania (minha mãe).

Foto: acervo pessoal

1945



Ponte sobre córrego do Água Preta, próxima da atual pça. Rio dos Campos.

Seu Mario (dir.) e amigo.

Foto: acervo pessoal

A relação da casa com a rua era diluída pelo quintal, que, espontaneamente, se estendia para a vizinhança e às realizações coletivas. Com praticamente nenhum equipamento público para o lazer, a classe operária e outros trabalhadores do bairro, passavam seus curtos momentos de esparecimento nas ruas e praças, encontros paroquiais e grêmios de futebol de várzea. Meu avô Mario contava que aqui não havia rua asfaltada, só o caminho



Encontro do time Peñarol.

Em destaque, Seu Mario.

Os jogos frequentemente aconteciam nas várzeas do Tietê, na região da Água Branca.

Foto: acervo pessoal

1958



**Antiga casa da Rifaina
com a Vila Anglo ao
fundo.**

Vó Degemar com seu
irmão, Dorival, e
filhos.

Foto: acervo pessoal

24

geração

1981



**Atual casa na
r. Rifaina**

Seu Mario e seus
netos.

Foto: acervo pessoal

25

geração

Antiga casa na
r. Rifaina.

Dona Degemar
gestante da
terceira filha,
Vania.

Foto: acervo pes-
soal

1956



A sensação de pertencimento é forte e, a princípio, é sentida não só pelos velhos moradores. A atmosfera coletiva que se costura é contagiante a qualquer potencial habitante. O número de novos e jovens moradores comprometidos com a convivência e a ocupação democrática das ruas, me parece ter crescido, o que de alguma forma tem contribuído para a permanência e a preservação das características antigas de clima intimista bairro.

O evidente contraste das grandes vias em relação a esse escondido e tranquilo cotidiano, – onde ainda é possível escutar os pássaros, observar nascentes, comprar aquele ingrediente que falta no antigo mercadinho ao lado, participar de coletivos e festas naquela praça – tem se refletido na crescente vontade de voltar a ocupar as casas de portão baixo.

1966



R. Góis Monteiro.
Ao fundo a Vila Anglo
e Vila Pompéia

Parentes e vizinhos
da rua.

Foto: acervo pessoal

degeneração

Já na perspectiva do planejamento, a Vila Anglo Brasileira localiza-se entre duas Zonas Eixo de Transformação (ZEU), definida pela existência da estação de metrô Vila Madalena (linha verde) e pela futura estação SESC-Pompéia (linha laranja), que, por meio dos dispositivos legais de incentivo, – originalmente elaborados com intenções positivas pela democratização das infraestruturas da cidade e por uma melhor mobilidade urbana – deturpados, acabaram por autorizar e estimular uma rádipa verticalização conduzida, principalmente, pelos interesses econômicos especulativos.

Por conta do ritmo acelerado, concorrência feroz e a lógica econômica por detrás dessa operação edificatória, a leitura do território a ser transformado quase sempre acontece de forma superficial e indiferente à história e às relações humanas e ecológicas conformadoras do lugar e, por consequência, contribui para o soterramento da paisagem preexistente.

Na cidade vista
como mercadoria,
o que não rende
não vale a pena.
Sob uma ótica
estritamente
econômica,
também não vale
a pena investir
naquilo que não
é essencial para
a reprodução da
força de trabalho.

(BARTALINI, 2004, p.83)

CAMINHAR /



Portão baixo e revestimento de “caquinhos”.

Morfologia comum nas casas do bairro que permanece como vestígio de uma época.

Foto: autoria própria, 2022.

A sucessiva substituição dos lugares de significados por moldes construtivos fundados em critérios quantitativos, setorizantes e pré-moldados, liquidam não só com as características históricas e fundadoras dos bairros em si, mas abala diretamente a relação do habitante com suas raízes e referências. Como resultado, automatiza a realização humana para um afastamento dos desejos genuínos de habitar. Segundo a pesquisadora em paisagem urbana e doutora em arquitetura, Hulda Erna Wehmann, em sua tese “Habitar a Paisagem”,

[...] a destruição do espaço de vida e a substituição por espaços impessoais da “insensata megalópole industrial” tem seu impacto na crise ecológica, social e política da civilização. Ao perder a referência do espaço o indivíduo perde a referência de seu papel nele, alienando-se do mundo e assumindo uma postura passiva, sendo determinado por imposições exteriores que subjagam e contradizem, por vezes mesmo identificando-se com eles, em prejuízo próprio.

(WEHMANN, 2019, p.123)

CAMINHAR /



Demolição de casas na r. Venâncio Aires, Pompéia.

As transformações nas cidades são inevitáveis e naturais de seu devir. Contudo, a prática imobiliária de “terra arrasada” e substituição total, acaba por sepultar quaisquer memórias físicas de lugar.

Foto: autoria própria, 2022.

Oferecer um desvio das rotas padrões e estruturantes do sistema viário da cidade hegemônica, onde se adensam a maioria dos símbolos e valores inibidores da vida espontânea, pode abrir caminho para reflexões arejadas e experiências diversas de convívio, igualmente à reapropriação dos espaços clandestinos tão cheios de provocações. Ao citar o artista situacionista Constant Nieuwenhuys, que participou do grupo COBRA e, a partir de 1948, concebeu a New Babylon; Francesco Careri reforça o potencial anti pragmático e anti utilitário no deslocamento que se realiza pelo caminhar:

Devia-se “passar do conceito de circulação como suplemento do trabalho e como distribuição nas diversas zonas funcionais da cidade à circulação como prazer e como aventura”, era preciso experimentar a cidade como um território lúdico a ser utilizado para a circulação dos homens através de uma vida autêntica. Era preciso construir aventuras. (CONSTANT in CARERI, 2013, p.98)



Foto: autoria própria, 2022.

Quase como no inutensílio de nosso poeta Leminski, em que a ludicidade da vida é razão em si, a caminhada busca então assumir neste trabalho ser o meio e o fim.

“Nessas áreas do in-utensílio, há vida além da tirania do lucro e da utilidade. Ao brincar e jogar, estamos salvos, livres e de volta. Para o zen, é na própria vida cotidiana que está o segredo.”

(LEMINSKI, 1987, p.97)

Ao proporcionar uma experiência sensível de estar em contato di-

reto com o lugar, o deslocamento como método, busca organizar e oferecer um percurso caminhavel alternativo às zonas reificadas do entorno, que seja significado por uma construção da paisagem por elementos captados na própria experiência lúdica de habitar a Vila Anglo. Onde a materialidade das casas que dão textura ao bairro, as expressões artísticas de resistência, o relevo que nos agracia com suas visuais, a vegetação espontânea que insiste em se desenvolver nas frestas, as vielas e praças saudosas pelas águas que já correram em suas superfícies, possam, de forma indissociável, ser o percurso.

caminhar como ação crítica

breve panorama histórico

O potencial criativo contido no encontro casual com o mundo, intimamente atrelado a experiência estética da paisagem, se manifesta de formas variadas a partir da qual a bagagem cultural individual organiza a percepção, podendo justificar então a diversidade de movimentos étnicos, filosóficos e artísticos ligados ao ato de caminhar em culturas, períodos e lugares distintos. A caminhada como ação inerente ao ser humano remete desde o espalhamento pré-histórico da espécie pelo globo, passando pelas primeiras diásporas e êxodos, até as romarias e outras expressões religiosas que, potencializadas pela errância, encontram em outros planos meditativos a elevação espiritual. Principalmente a partir do século XX, vemos que, o ato de caminhar ganhou significação política. “As grandes metrópoles modernas tornaram-se campos de exploração ao mesmo tempo lúdicas e metódicas, sob diversas figuras: o flâneur baudelairiano, a deambulação surrealista e a deriva situacionista.” (BESSE, 2014, p.55)



Rua de Paris em um
dia chuvoso
1877

Gustave
Caillebotte

(Art Institute of
Chicago)

Exercício Paisagístico pela Vila Anglo Brasileira

A Europa do século XIX, passou por intensa transformação e expansão urbana, principalmente Londres e Paris, e com ela novos modos de habitar a cidade. Cunhado pelo poeta Charles Baudelaire, o substantivo em francês *flâneur*, que tem sua origem no verbo “passear”, significa aquele que anda, passeador, vadio e que caracteriza a postura de uma nova figura que surge no cenário urbano. Refere-se a alguém que observa a cidade e seus arredores, experimenta um verdadeiro passeio físico – como ato –, mas também é uma forma

de suscitar o pensamento filosófico e uma maneira de ver e sentir as coisas – como atitude. Caminhar por caminhar, sem pressa de chegar de um ponto ao outro, mas apenas experimentar e questionar-se na paisagem urbana: ruas, becos, vielas, esquinas. Deliberadamente opostos à pressa e ao consumo da nova estrutura social que se organiza, ditando sua própria orientação. (lightgraphite, 2011)

O dadá
elevou a
"perambulação"
do *flâneur*
à operação
estética

(CARERI, 2013, p.98)

Nas primeiras décadas do século XX, em atitude também de contestação e usando-se de mesma maneira a cena urbana em viés provocativo, o Dadaísmo, caracterizado como um movimento de protesto à arte institucionalizada, buscava o rompimento com a tradição expositiva formal das peças artísticas. Pois elas ocorriam, quase em sua totalidade, fechadas em eventos e círculos restritos entre as elites intelectuais. Chegava-se ao ponto, que, em oposição circunstancial, seus membros propuseram uma série de excursões a lugares triviais da cidade de Paris, de praticamente nenhuma relevância, em uma ação consciente de confronto à arte representativa. Ou seja, a superação da arte-objeto pelo espaço vazio, pela banalização dos espaços artísticos, ao voltarem-se para a rua. Segundo Francesco Careri, em sua obra Walkscapes, a excursão dadá "é um apelo revolucionário da vida contra a arte, que contesta abertamente as tradicionais modalidades de intervenção urbana, campo de ação tradicionalmente pertencente apenas aos arquitetos e urbanistas (CARERI, 2013, p.74).

CAMINHAR /

Exercício Paisagístico pela Vila Anglo Brasileira

O primeiro e único lugar visitado pelo movimento em 14 de abril de 1921 foi a pequena e turisticamente inexpressiva igreja de Saint-Julien-le-Pauvre, que de muitas formas, representava uma antítese da cidade futurista idealizada principalmente pelo impulso tecnológico do período entreguerras - realizada na transformação constante, nas luzes e velocidade que se sobrepunham nos instantes de maneira indistinta. Por isso, a escolha de um lugar comum na cidade real, oposta à cidade retratada, foi simbólica e assertiva:

Ter realizado a ação naquele lugar específico tinha o valor de realizá-la na cidade inteira. Não sabemos qual dos artistas do dadá propôs o lugar - "uma igreja abandonada, pouco e mal conhecida, circundada à época de uma espécie de *terrain vague* cercado por paliçadas" - nem as razões da sua escolha. Mas a sua posição, em pleno Quartier Latin (Bairro



Latino), parece indicar que aquele jardimzinho específico em volta da igreja fora escolhido precisamente como se fosse o jardimzinho abandonado perto da própria casa: um espaço a ser indagado por ser familiar e desconhecido, ao mesmo tempo não frequentado e evidente, um espaço banal e inútil que, como tantos, realmente não teria razão alguma de existir.

Excursão Dada
1921

Ao fundo, a igreja
de St Julien le
Pauvre, Paris.

(Ibid, p.77)

Alguns anos mais tarde, os mesmos dadaístas, agora levados não só pelo embate representativo, incluem o fator motricidade às investigações geográficas através de caminhadas pela cidade, ou como intitularam o inaugural da vanguarda surrealista: “deambulações”. As noções de espontaneidade e aleatoriedade somam-se para reforçar a ideia contida no deslocamento errático. O inconsciente surge como novo elemento de exploração na íntima relação do indivíduo com o meio.

A primeira deambulação é organizada em um episódio de imersão à natureza, na região central francesa, tendo como ponto de partida a cidade de Blois,

“escolhida
ao acaso sobre o
mapa”,

nas palavras

de Andre Breton - escritor francês participante também da excursão dadá. “Desta vez o território ‘vazio’ do ambiente rural é a base reflexiva do vagar sem rumo contido na postura da ‘deambulação’, que no significado do termo carrega a própria essência da desorientação e do abandono no inconsciente.” (CARERI, 2013, p.78).



Retrato de Andre Breton, 1934.

Autoria: Victor Brauner.

Para dar as devidas proporções ao evento, assim que voltou de viagem, Breton organizou e escreveu a introdução de *Poisson soluble* - em tradução livre, Peixe solúvel, título bastante paradoxal por sinal, - que se tornaria o Primeiro Manifesto do Surrealismo, em que o próprio termo que dá nome ao movimento é definido pela primeira vez:

“automatismo psíquico puro com o qual se propõe expressar, seja verbalmente, seja por escrito, seja de qualquer outro modo, o funcionamento real do pensamento” (Ibid, p.78).

Influenciado pelos estudos recentes no campo da psicologia, o movimento ficou conhecido pela espontaneidade do gesto, seja na técnica do uso livre de palavras na literatura, seja na representação dos sonhos e do inconsciente na pintura.

Da mesma forma que a “excursão” dadá não teve continuidade, somente uma única experiência simbólica, a “deambulação” em meio rural também foi singular. Contudo, deu abertura a uma série de desveladoras caminhadas às bordas de Paris dentro de seu perímetro de influência. No mesmo ano, Louis Aragon, membro do grupo surrealista e amigo de Breton, publica *Le paysan de Paris* (O camponês de Paris), produto de suas percepções sobre a capital francesa, onde investiga as relações mais profundas da vida comum que acontecia nos bastidores da metrópole que se formava; da vida revelada nas frestas, fora dos famosos roteiros, no insciente da cidade.

(CARERI, 2013, p.83)

CAMINHAR /

Em suma, os surrealistas acrescentaram à negação dadá dos espaços institucionalizados da arte, o ato de estar em movimento, de deambular - do latim *deambulatio*, de DE “para fora” e AMBULARE, “caminhar” - como ação estimulante para o fluxo de pensamento. Nos termos de Careri:

[...] o dadá intuía que a cidade podia ser um espaço estético no qual operar através de ações cotidianas e simbólicas, e convidara os artistas a abandonar as formas costumeiras de representação indicando a direção da intervenção dirigida no espaço público. O surrealismo - talvez ainda sem compreender completamente o seu alcance enquanto forma estética - utiliza o caminhar como meio através do qual indagar e desvelar as zonas inconscientes da cidade, aquelas partes que escapam do projeto e que constituem o que não é expresso e o que não é traduzível nas representações tradicionais.

Exercício Paisagístico pela Vila Anglo Brasileira

1933



Membros do Surrealismo, Paris.

Na primeira fila: Tristan Tzara, Andre Breton, Salvador Dali, Max Ernst, Man Ray. Fila detrás: Paul Eluard, Hans Arp, Yves Tanguy, Rene Crevel.

Foto de Man Ray.

Décadas mais tarde, já nos anos 50, um grupo de artistas, liderado pelo escritor ativista Guy Debord, influenciado pelos subsequentes desdobramentos das deambulações, mas crítico aos produtos pouco propositivos e introvertidos à discussão e contribuição pública, se articula para contrapor e reformular a “consagração surrealista”, que já não mais abarcava as complexas transformações do pós-modernismo.

“Não era mais tempo de celebrar o inconsciente da cidade, era preciso experimentar modos de vida superiores através da construção de situações na realidade cotidiana: era preciso agir, e não sonhar.”

(CARERI, 2013, p.85)

Em uma ação inicial de resgate ao Dadá pela abertura da arte para o cotidiano banal, uma série de vanguardas artísticas se fundem em 1957 pela consolidação do movimento artístico-político Internacional Situacionista (IS), como resultado de uma série de discussões sobre as mutações urbanas, as sensibilidades e a forma como os preceitos do capitalismo encaminham as relações sociais em direções pouco otimistas.



**Ensaio do Pré-carnaval
“Bloco do Água Preta”**

praça Rio dos Campos, antiga “re-presa”. Importante ponto de encontro e convívio no bairro.

Foto: autoria própria, 2022.

1953



“Nunca trabalhe”
Guy Debord

Protesto escrito em
parede na r. Siene,
Paris em 1953.

Foto: Louis Buffier,
1966.

Avessos à figura do planejador como concentrador das decisões, a IS propunha em teoria crítica do urbano a construção coletiva de cidade e contra a impessoalidade dos espaços, através da experiência dos sentidos, pela significação dos lugares e resgate do lúdico reprimido pela extrema objetividade do *master plan* modernista.

As situações, como são chamados os produtos experimentais da ação do caminhar errático proposto pela vanguarda, se fundamentam principalmente em dois conceitos: “[...] um procedimento ou método da psicogeografia, e uma prática ou técnica, a deriva, que estavam diretamente relacionados” (JACQUES, 2003, p. 22). Ou seja, a deriva é o ato, a psicogeografia a atitude.

Debord elabora um método espontâneo e intuitivo de navegar e apreender os caminhos por outras inteligências, que não a consciência plena da informação objetiva. Segundo Artur Rozestraten, doutor em arquitetura e pesquisador na área da Representação em Projeto e Imaginário:

É com base na imaginação que Guy Debord propôs uma teoria da deriva como um procedimento interativo, entre-lugares, que valoriza sobretudo o “relevo psicogeográfico das cidades” e suas dinâmicas de mobilidade análogas àquelas dos cursos d’água: suas correntes, com trechos plácidos e outros trechos turbulentos.

(ROZESTRATEN, 2020, p. 72)



Córrego Água Preta

Suas águas já foram parte da paisagem e possivelmente desenharam caminhos pelos contornos do bairro.

Hoje está escondido sob vielas e praças que derivaram de suas margens.

Foto: Arquivo do Estado de São Paulo.

Conhecido como ícone do movimento situacionista, a obra *The Naked City* de Debord, resume os conceitos de deriva e psicogeografia em uma cartografia afetiva,

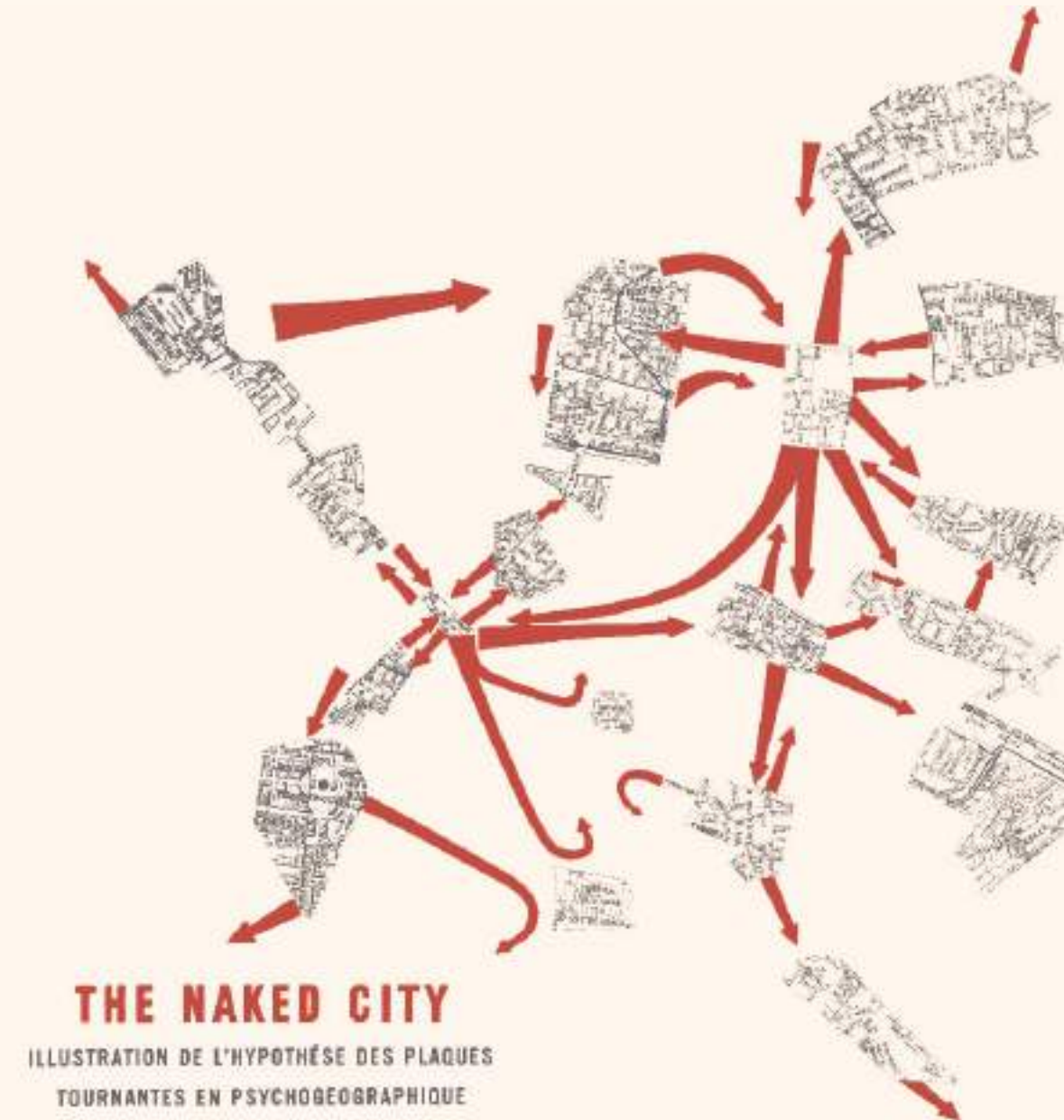
[...] composta por vários recortes do mapa de Paris em preto e branco, que são as unidades de ambiência, e setas vermelhas que indicam as ligações possíveis entre essas diferentes unidades. As unidades estão colocadas no mapa de forma aparentemente aleatória, pois não correspondem à sua localização no mapa da cidade real, mas demonstram uma organização afetiva desses espaços ditada pela experiência da deriva.

As setas representam essas possibilidades de deriva, fazendo alusão às placas giratórias (plaques tournantes) e manivelas ferroviárias responsáveis pela mudança de direção dos trens, que sem dúvida representavam as diferentes opções de caminhos a serem tomados nas derivas.

(JACQUES, 2003, p.23)

"The Naked City"
Guy Debord, 1957

"Ilustração da hipótese das placas giratórias na psicogeografia"



1961



Membros da IS
Paris

Guy Debord (esq.),
Michèle Bernstein e
Asger Jorn.

Foto: Internacional
Situacionista.

Em harmonia com a autonomia do habitante, o exercício estético situacionista assumia qualidade libertária na construção de espaços e modos de presença política e cultural. Uma vez que importa procurar no cotidiano os desejos latentes das pessoas, provocá-los, reativá-los e substituí-los por aqueles impostos pela cultura da dominação, fazendo-se, então, realizar o slogan situacionista de que “morar é estar em qualquer lugar como na própria casa”.
(in CARERI, 2012, p. 98)

Se colocar na cidade em tal postura é uma maneira de despi-la, ao explorar novos espaços a serem habitados e novas rotas a serem percorridas, mas, sobretudo, com o qual construir formas lúdicas de reapropriação do espaço urbano para novos comportamentos baseados em afetos. Ignorar as partes da cidade que enfatizam os poderes do espetáculo, permite de alguma forma redescobrir seus valores perdidos.

A poética do gesto, com a IS, adquire a dimensão do urbano, ultrapassando os limites do movimento informal. A deriva preconizada pela IS, distinta do passeio e da viagem turística, é o gesto largo de perambulação pela metrópole [...] que busca romper com a banalização da vida cotidiana, constituindo-se, assim, em meio de resistência a um urbanismo inibidor dos desejos e disciplinador. [...] A cidade enquanto usina do imaginário social.

(ANDRADE, 1993, p. 17)

As representações – que estão em questão na deriva – amparam justamente esse procedimento exploratório [construção de conhecimento proposta por Debord]. Especialmente os mapas, a cartografia ampliada da geografia à psicogeografia. Assim sendo, Debord não impõe restrições a incorporação de várias outras representações, o que abre espaço para uma participação complementar do desenho, da fotografia, do vídeo, das representações eletrônicas tridimensionais e de suas articulações via Web.

(ROZESTRATEN, 2020, p. 72)

O ato da deriva como proposta essencialmente abrangente, como exercício de entendimento e de juízo crítico, em outras aproximações, poderia expandir a representação da psicogeografia para além da produção gráfica impressa como produto dos registros experimentais. Uma vez que a somatória do máximo de meios de representação melhor corresponderia a pluralidade da experiência sensorial e psicológica. Em seu livro, “Poéticas dos Lugares”, ao discorrer sobre a abstração do espaço como representação imaginativa, Rozestraten aponta a potência contida na experiência da IS para sua realização em outras interfaces, mesmo àquelas virtuais, que chama atenção para a atualidade da prática:

fragmento da obra
“Fin de Copenhague”
1957

Psicogeografia aplicada em livro sobre a experiência de Asger Jorn como morador da capital dinamarquesa.

Co-autoria:
Guy Debord.



caminhada como ferramenta de (re)conhecimento e transformação

desvio de rota

Por conta do potencial reflexivo do ato de vagar, provocado no reconhecimento do espaço à volta, estar em movimento é uma ação essencialmente meditativa e criativa. Nos termos de Besse,

efetivamente, caminhar não é apenas estar no mundo, é estar nele de forma interrogativa; caminhar é questionar o estado do mundo, é sopesá-lo naquilo que pode oferecer aos homens que nele estão: caminhar é uma experimentação do mundo e dos valores.

A caminhada de fato requalifica o espaço, no sentido próprio do termo: dando-lhe novas qualidades, novas intensidades.

(BESSE, 2014, p.55)

No entanto, o caminhar desinteressado e despropositado não é prática comum nos grandes centros urbanos. Uma vez que está em total desacordo com os valores pragmáticos e objetivos na sociedade de consumo que não tem “tempo a perder”. Quando queremos nos deslocar na cidade, quase sempre o fator tempo dita nossas rotas, caminhos e desvios. Os aplicativos de mapas e localização mais usuais, por exemplo, antes mesmo de nos apresentar as opções de um determinado trajeto, aquela de menor tempo de deslocamento já surge como primeira sugestão algorítmica, providenciada pela tecnologia como a óbvia escolha ou a única possibilidade. Intuitivamente elegemos os caminhos mais diretos e recorrentes para percorrer, em detrimento a um desvio inusitado, por uma viela de casas, por uma galeria de lojas ou por aquela praça esquecida.

Se nos perguntam “para onde vai?”, normalmente espera-se uma resposta objetiva sobre o local de destino ou trajeto. E quando a postura aleatória e a ausência de destino são o propósito em si, pelo simples imprevisto de querer caminhar por aí, certamente haverá juízo de valor, quase que de forma automática, de que estaríamos com “tempo a perder”, ou de forma depreciativa, que estaríamos vadiando.

Em plena ditadura varguista do Estado Novo (1937 -1945), a “Lei da vadiagem”, como ficou popularmente conhecido o art. 59 do decreto-lei 3.688/41, criminaliza aqueles que vivem de forma “ociosa”, sem documentos ou ocupação, atingindo quase que exclusivamente a população miserável e marginalizada já vitimadas pelo abandono do Estado. Em uma clara continuidade do pensamento escravista, essa medida arbitrária não só sintetiza o racismo estrutural e a necessidade das elites pelo controle social e do território,

mas também ajudou a formar no imaginário coletivo o estigma negativo sobre o ato de vagar, da vadiagem e da não “produtividade”, condenando a produção e práticas culturais correlatas ao ócio criativo - o samba e a capoeira por exemplo - e também aqueles que não se emolduravam às práticas impositivas do Estado e da economia, como a figura do “malandro carioca”. Atualmente, outros lazeres são criminalizados, especialmente os periféricos, ao notar a violência e opressão aplicadas às expressões sociais e artísticas dessa população. Como os “rolezinhos”, encontros simultâneos em massa organizados pela internet, que ocuparam os shoppings - espaços privados, abertos ao público, por regra - principalmente no ano de 2013, e os bailes funk, que acontecem preferencialmente nas ruas, ou seja, no espaço público.

Vale registrar que, até a data da publicação deste trabalho, a “Lei da vadiagem”, ainda que em desuso, vigora em nossa Constituição.

“ Se alguém perguntar por mim
 Diz que fui por aí
 Levando um violão / debaixo do braço
 Em qualquer esquina eu paro
 Em qualquer botequim eu entro
 E se houver motivo
 É mais um samba que eu faço
 Se quiserem saber / se volto diga que sim
 Mas só depois que a saudade se afastar de mim
 Só depois que a saudade se afastar de mim ”

Zé Kéti / Hortencio Rocha
 1964

Desta forma, na sociedade na qual a problemática expressão “tempo é dinheiro” não provoca maiores ruminações, as vias ditas principais, de caráter expresso, passam a ser as mais utilizadas e ocupadas. E justamente nessas ruas e avenidas de maior trânsito de pessoas, que as relações de consumo são mais intensas no espaço urbano, onde os símbolos capitalistas da metrópole nos desnor-teiam com

estímulos de toda sorte. E mesmo o “tempo livre” de não trabalho, reservado para ações recreativas e o convívio, ainda se converte em operação econômica. Como aquele passeio ao shopping no final de semana ou qualquer divertimento mediante pagamento. Contudo, o desvio de rota pode nos oferecer perspectivas que, escapando a essa lógica, são campo fértil a outras noções de cidade.

Antes de se realizar como ação política e estética de perceber e se posicionar frente aos elementos concretos da paisagem, o estar-no-mundo acontece na dimensão da sensibilidade. Esse exercer a liberdade de ir e vir na cidade, em primeira instância é sentir. Acessar sensivelmente os elementos da paisagem. E o desviar a rota ou o caminhar sem rumo, aberto aos estímulos e as surpresas do mundo, desaliena nosso corpo e desorienta, para então se tornar acesso ao oculto da objetividade do dia-a-dia e despertar, assim, questionamentos latentes. Em seu texto “Caminhar, descobrir, projetar: reflexões sobre a deriva e o fazer projetual em paisagismo, o professor Arthur Cabral, nos apresenta a importância da perspectiva nômadica como atitude de entendimento que escapa às reflexões banais dos caminhos pre-estabelecidos, enquanto...



[...] cumpre assumir o deslocamento errático e a deriva como forma de vivência da cidade, por meio da qual são permitidos e reanimados os encontros imprevistos, a surpresa, o estranhamento, o encanto que a existência insuspeita presentes em seus espaços podem infundir em nós.

(CABRAL, 2020, p.12)

Igreja N. S. do Rosário de Pompéia

Presente na paisagem em diversos trechos. Marco da fé local, história da constituição do bairro e até mesmo elemento de orientação geográfica.

Foto: autoria própria, 2022.

paisagem sensível

Ao ouvirmos barulho de água corrente, para onde o pensamento nos leva ao sermos capturados pelo agradável irregular contínuo desse som, que é tão raro em São Paulo? Ou como nos sentimos quando, cercados por verde, o barulho do trânsito passa a ecoar distante e cede espaço às vozes, os zumbidos e o farfalhar, enquanto a sensação de cidade ganha outros significados? E como mensurar essas sensações despertadas na paisagem enquanto polifonia? O modo contido nas experiências está em uma dimensão de entendimento que escapa a objetividade, por isso, cabe nesse encontro, interpretações íntimas a cada vivenciador em circunstâncias diversas.

Sendo assim, a inerente condição está posta: a paisagem é primeiramente sensível, uma abertura às qualidades sensíveis do mundo (BESSE, p. 45). E a experiência contida no encontro é a própria interface metafísica entre o ser e o mundo. Na publicação “Fenomenologia, paisagem e arte contemporânea”, a arquiteta e professora da FAU-USP, Vera Pallamin, na introdução, busca “localizar” o fenômeno da percepção ao colocar que,

a atmosfera de uma paisagem diz respeito à apreensão de algo que não está completamente isolado daquele que a percebe, e nem completamente no interior deste, como se fosse mera projeção de uma experiência interna, de uma história pessoal.

Ela está no ponto de encontro entre um e outro, e mobiliza uma estrutura de reciprocidade entre o corpo e o sítio, a cena, que faz com que esse local se conforme como uma paisagem.

(PALLAMIN, 2015, p.46)

A organização da paisagem, portanto, não prescinde da experiência que é o próprio contato, que ocorre sempre de modo parcial na totalidade do espaço organizado pelo próprio sujeito.

“A percepção não nos dá jamais tudo a ver de uma só vez, perfazendo-se, necessariamente, segundo visadas parciais que, dialeticamente, organizam-se em totalidades.”

(PALLAMIN, 2015, p.48)

Já a caminhada, enquanto forma de se posicionar no mundo, tem a capacidade dinâmica e reveladora de horizontes, que por sua vez é o desvelamento contínuo de novas parcialidades da paisagem. O ato de caminhar em si é esse encontro parcial com o mundo, ao passo que encaminha uma narrativa do lugar experienciado e construído de forma progressiva. “Todas as paisagens já estão ali no encadeamento concordante e na infinidade aberta de suas perspectivas” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 442). Não se trata do horizonte como fronteira de mundos, e sim a “essa dobra incessante do mundo que faz do real, definitivamente, um espaço inacabável, um meio aberto e que não pode ser totalmente tematizado (BESSE, 2014, p.50) .

paisagem se torna lugar

Há na ação de se colocar em movimento no espaço o aspecto físico de defrontação, - no sentido primário de se colocar de frente - em que a caminhada figura, essencialmente, em experiência de provocação desse contato direto que nos instiga e submete. Um beco ermo e úmido pode ser encarado, por exemplo, de duas maneiras dessemelhantes: com suspeita, ou então, com entusiasmo. Ao atravessá-lo, podemos nos afetar de forma desconfiada e tensa por aquele elemento urbano de aspecto dissimulado e clandestino, muitas vezes estreito e comprido em uma escala que com frequência nos oprime. Já em uma aproximação curiosa de sua configuração inusitada, pode o caminhante ser guiado a um entendimento diferente sobre alguma espontaneidade conferida pelo abandono tão comum nesse local - geralmente são atalhos de pedestre que rasgam a quadra e podem expor ex-

pressões dos fundos das casas em uma envolvente fusão de intimidades em sons, luzes e odores. Ou seja, um mesmo espaço nos afeta de diferentes formas assim que nos apropriamos de suas significações em potencial, tornando-o familiar e articulável no sentido da compreensão. O ato de se deslocar de um ponto ao outro e colocar o corpo no mundo

“não é simplesmente uma forma de estar fora, passivamente. Na caminhada a sensibilidade é tão ativa quanto ativada, o estar no mundo é orientado, articulado.”

(BESSE, 2014, p.54)

Portanto, nessa articulação, há possibilidades, não só de novos encaminhamentos reflexivos, mas “em última instância, se tomado em sua dimensão estética e criadora, o ato de caminhar pode ser compreendido como o gesto primeiro do projeto” (CABRAL, 2020, p. 25). O contato primário será o meio sincero às descobertas do que já existe e ao engajamento respeitoso daquilo que pode vir a existir. Como uma volta ao lugar, ao decifrar nele suas próprias voações e qualidades.



Sobretudo, nesse trabalho, ocorre nos meandros da cidade, no interior clandestino de um bairro, a Vila Anglo Brasileira. Onde conexões de vizinhança contestam o loteamento e desenvolvem dinâmicas próprias. Repleto de assinaturas de ocupações ativas dos habitantes, por onde o entrelaçamento de discursos se organizam em um mosaico da vida espontânea. Entendendo que os espaços livres são extensões da própria casa, e portanto, de uma identidade individual e também coletiva.

Lago da travessa
Roque Adógllo
Construção coletiva
abastecida por bica
natural
Foto: autoria própria, 2022.

Considerando tais características de lugar, desse *genius loci*, como operar de forma propositiva tendo em vista a complexa condição cenográfica das relações formadoras do bairro sem atropelar ou desconsiderar manifestações menos evidentes do lugar? Contudo, penso o quanto desse bairro também sou eu. Pois cada canto que caminho me desperta significações e vínculos, pelas memórias e afetos, nesse lugar que vivo desde meu nascimento. Há um pertencimento recíproco, já que, como vivente, o lugar molda minhas características existenciais, sociais e culturais, ao passo que dou significado a ele.



Bar do seu Liberal

De portas abertas há mais de 60 anos e com paredes que acumulam histórias nas prateleiras.

Foto: autoria própria, 2022.

Nós entendemos que a identidade das pessoas é, em boa medida, uma função dos lugares e das coisas. Por isso, é importante não só que nossa ambiência possua uma estrutura espacial que facilite a orientação, mas também que esta seja constituída de objetos concretos de identificação. A identidade humana pressupõe a identidade do lugar.

(NORBERG-SCHULZ, 2006, p. 457)



Construímos lugares por meio das relações que ali fundamos. A caminhada poderia ser assim a primeira realização da ocupação humana. E se, sob essa ótica individual de espaço, criamos o mundo e o transformamos em lugar, é porque nele estamos constituindo um sistema de troca. O sujeito então é aquele que ressignifica em lugar os espaços percorridos no momento que deixa de ser um transeunte apressado, para se tornar vivente, ser habitante.

A paisagem é produto da nossa percepção “imaginativa”. Ela só existe quando é sentida, “imaginada e significada”. E o lugar, enquanto paisagem significada, remete à esfera afetiva dessa relação e dá suporte à navegação orientada. Os objetivos desta experiência tencionam captar os vestígios da paisagem e devolvê-los a ela de forma propositiva, sem a pretensão do esgotamento ou acabamento, nem assentados em dados e índices geográficos objetivos, mas como testemunho de uma percepção afetiva de um indivíduo, vivente e habitante do bairro, atento aos desejos de outros atores e seus significados latentes. E que esse inacabamento desejado seja continuidade à construção consciente e coletiva do lugar.

Água Preta sob o Sesc Pompéia

O projeto de Lina Bo Bardi não contemplou o córrego, que fora escondido pelo tablado da “prainha”, passando despercebido mais uma vez.

Captura de tela: Primeiro Tempo, Sesc 30 anos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Tz-gEzMC1H4E>

construir a paisagem

Como colocado anteriormente, a noção de lugar, e neste caso de sua construção a partir da vivência e da relação física e direta com o espaço, pressupõe a experiência individual e intransferível. Contudo, mesmo tendo em vista a natureza contraditória da realidade, será gratificante se este relato se faça convite. Um aceno ao meu lugar como uma visita dialética ao bairro. Ou seja, para que ao final, você leitor, possa contribuir com uma nova camada a este quebra-cabeça.

O capítulo iniciado é a síntese de uma construção de paisagem por meio de repetidos deslocamentos realizados pelo bairro no período de um semestre. Sempre iniciados de minha casa, na parte mais alta, em direção ao interior da Vila, para as cotas mais baixas.

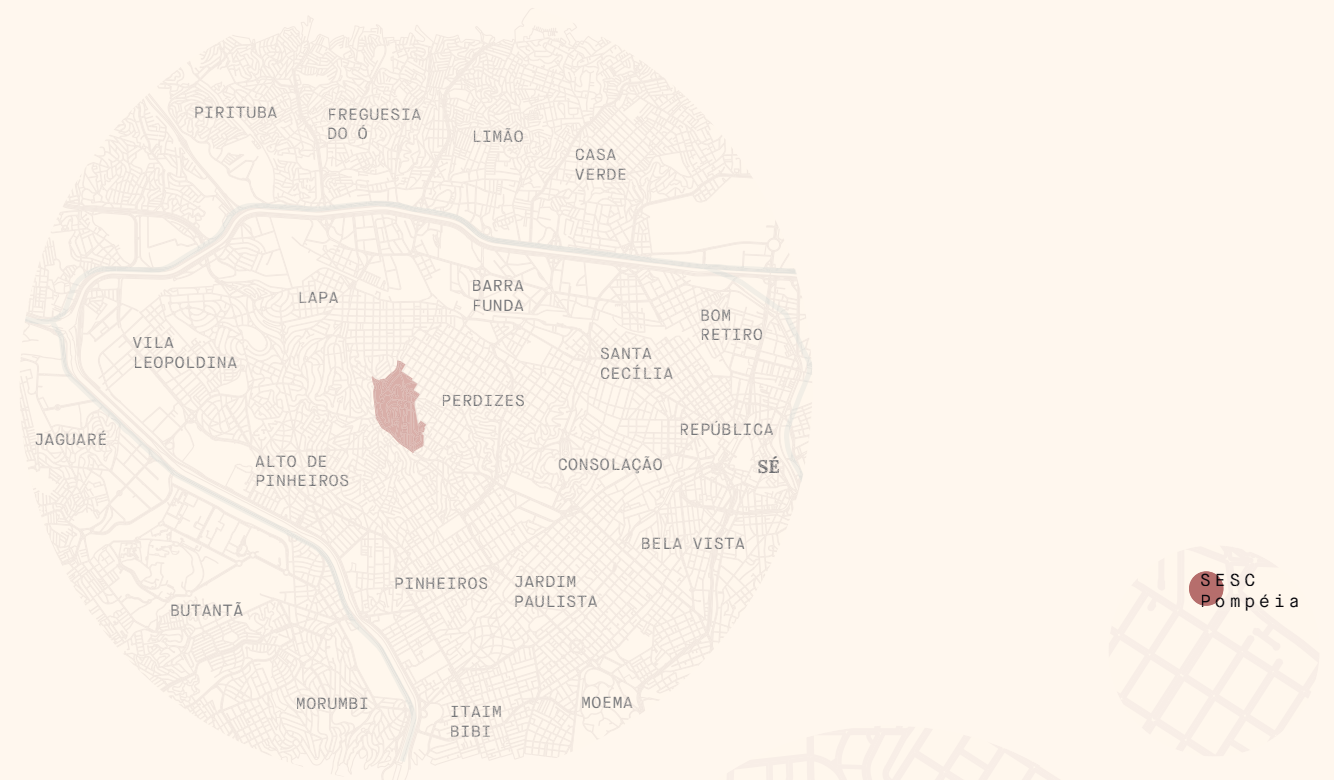
Entendendo que neste exercício não haveria motivos para pressa nem um direcionamento, o que

se buscou inicialmente como intenção, foi justamente a ausência de uma. Portanto, o deslocamento sem rumo admite mais liberdade aos movimentos do corpo, que desvia, rotaciona, para, volta, muda de direção e tem, na experiência da caminhada, uma dinâmica de tempo, mobilidade e escala que permitem encontros e dimensões contemplativas da grandeza do horizonte ou da pequena flor que nasce na fresta da calçada.

A expressão do cansaço, do desequilíbrio, de amplidão ou enclausuramento que sentimos em diferentes momentos de um percurso são atestados de que o corpo se afeta e se relaciona com o espaço. Mais do que isso, para a construção de paisagem, o encontro com os diferentes personagens e agentes contribuintes e transformadores são determinantes para uma narrativa subjetiva como esta.

CAMINHAR /

Exercício Paisagístico pela Vila Anglo Brasileira



CONTEXTO MUNICIPAL



CONTEXTO LOCAL

As visuais são constatação da altitude, mas além disso, inserem a paisagem no seu contexto próximo.



Colagem: autoria própria, 2022.

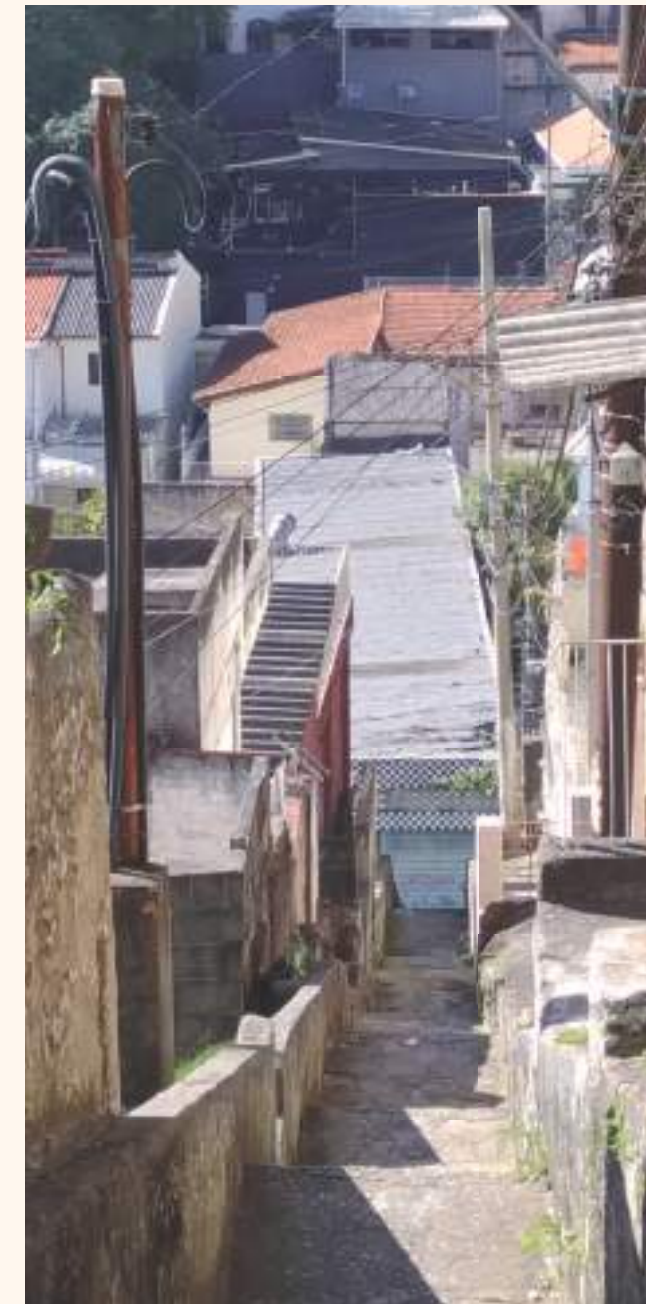
Como dito anteriormente, começamos do alto, do topo de uma montanha: essa é a primeira sensação. Para qualquer direção a única possibilidade é descer.

O horizonte do observador, muitas vezes acima da cobertura dos edifícios, nos coloca no mesmo plano de outros morros ao longe.

Os escadões que ligam as sinuosidades das ruas, que praticamente acompanham as curvas do morro.

São elementos recorrentes nos trajetos. Isso por se tratar de um percurso que parte de um dos pontos mais altos da cidade (passando da cota 810m), que rapidamente alcança as áreas alagáveis em direção às várzeas do Tietê.

O ritmo dos intermináveis degraus ditam a dança dos planos horizontais que se sobrepõem na perspectiva. Os patamares pausam e renovam o enquadramento a cada plano.



Colagem: autoria própria, 2022.

O beco tem algo de misterioso. Diferente da rua, dele se pode ver o outro lado das casas.

Seu desenho remete ao córrego que por ali já correu superficial e que hoje, retido e oculto, só é lembrado nos períodos chuvosos. Infelizmente, nos becos, o mesmo ar clandestino que provoca a imaginação, também condena seu potencial como elemento de ligação.



CAMINHAR /



Exercício Paisagístico pela Vila Anglo Brasileira



Colagem: autoria própria, 2022.

As portas que já se abriram para outra relação com os becos.

Ao passar pelos bastidores da quadra, a sensação é de estar no quintal daquelas casas. Quais as relações possíveis de habitar estão latentes nesses elementos de abertura para as costas das quadras? Existe um convite, quase como uma provocação ao devaneio, sobre conexões e acontecimentos, que de certa forma, afirmem que ali há um caminho conhecido, de aspecto familiar, aprazível, que integre esses retalhos de quadra dispersos no tecido do bairro.



Colagem: autoria própria, 2022.

Travessa Roque Adógllo: exemplo de ocupação espontânea e resistência pelo habitar coletivo.

Poesia e caos podem descrever a sensação que as expressões da travessa transmitem. Intervenções artísticas estimulam a reflexão sobre a presença do Rio Água Preta e como a água poderia ser mais presente na vida urbana. Se refrescar em uma bica ou se sentar ao lado de pequenos representamentos, tornassem parte da cena cotidiana.

@PAULESTINOS



CAMINHAR /

Exercício Paisagístico pela Vila Anglo Brasileira



@(SE)CURA HUMANA



Colagem: autoria própria, 2022.



Ocupações
eventuais
rompem o co-
tidiano com
renovação e
surpresa.



Foto: autoria própria, 2022.



Foto: autoria própria, 2022.

O Bloco do Água Preta, sai todo
pré carnaval em desfile que segue
o curso do rio de mesmo nome.

A concentração dos foliões aconte-
cece na pça. Rio dos Campos,
também conhecida como “repre-
sa”, que na hidrografia local, tam-
bém é ponto de encontro, mas de
três cursos d’água.

As fantasias são temática e as
marchinhas de carnaval anseiam
por uma cidade mais aquática.



Feira livre da r. Barão
do Bananal

Reúne, todos os
sábados, antigos e
novos moradores.

Foto: Autoria pró-
pria, 2022.

Marchinha de carnaval
do Bloco do Água Preta.

“ Eu vou chamar
caboclinho pra
beira do rio
Chama
Araçariguama,
chama Apinagés,
Chama Cotoxó,
Tucuna, chama
Caetés
Chama todos os
romano
Chama as mina,
chama os mano
Eu vou chamar
caboclinho pra
beira do rio! ”



“Arraiá” do Cruzeiro.

A comemoração junina
na pça. Dr. Penteado
Médici

Foto: Leandro Gatti



“Churrasquinho” no
bar do seu Liberal.

Toda sexta-feira ao
cair da tarde

Foto: Autoria pró-
pria, 2022.



r. Rifaina



nc. da Nascente

Não por coincidência, os momentos de encontro com o córrego acontecem justamente nos interstícios do bairro. Talvez pelo histórico de negação da água, esses espaços sejam raramente habitados, mesmo que fisicamente compreendam o caminho natural mais suave de deslocamento. Já que, de montante a jusante, a água evita qualquer subida.



A presença da água também é percebida pelas toponímias e os nomes populares de ruas e praças, como “represa”, Bica de Pedra e Nascente.



Vieira Estevam
Garcia



estacionamento
Faculdade
São Camilo



fundos do Sesc
Pompéia



tv. Roque Adólio



Colagens: autoria própria, 2022.

Não é raro ouvir o Águia Preta fluindo solitário atrás de uma grade.

Suspensos nas metonímias ou em turva lembrança de velhos moradores, alguns lugares só existem de forma etérea.



"[...] Aqui era olaria e o pessoal usava muito o saibro do Morro do Cruzeiro para fazer os reboques das casas!"²



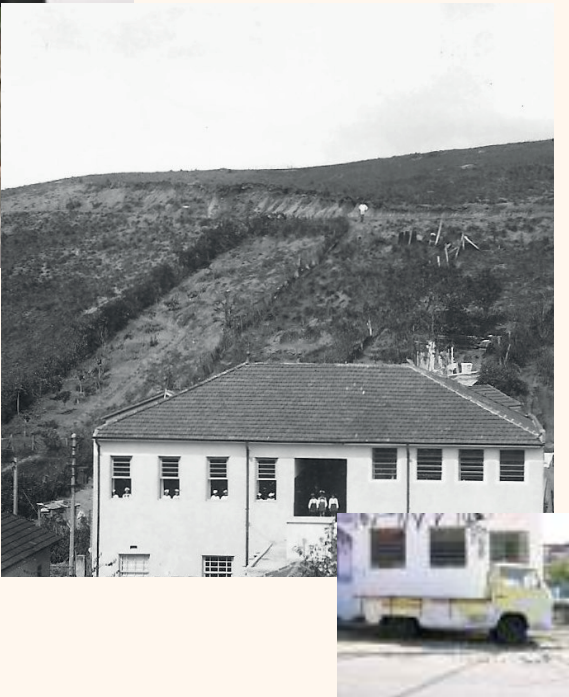
Morro do Cruzeiro

Já foi um ponto de referência para o bairro. Lá havia uma cruz de madeira colocada por padres camilianos em 1937 e então retirada em 1975.
Foto antiga: Leandro Gatti.

Grupo Escolar da Vila Anglo

Edifício dos anos 30. Hoje, abriga o **Condô Cultural**, coletivo artístico que contribui com a manutenção da memória material do antigo prédio.

Foto antiga: Leandro Gatti



Paróquia Nossa Senhora Aparecida de Vila Anglo Brasileira

Antiga capela da década de 60.



"É aí que o Leandro mora, da família Gatti, antiga aqui do bairro. Ele é historiador e escreveu um livro¹ sobre a Vila Anglo. Inclusive, quando ele veio me procurar, eu ajudei com as fotos de família que eu tenho e as histórias que eu lembro."

Colagens: autoria própria, 2022.

Curiosidade atrai curiosos. Se a lente aberta do andar atento permite os encontros improváveis, essa postura também chama a atenção de outros atores que participam da cena.

Ao passar pela travessa João Matias, Dona Vilma, uma senhora que se apresenta como moradora do bairro e neta do homem que dá nome à travessa, após longa conversa sobre sua origem e importância de seu avô para a construção daquela porção do bairro, aponta para a casa em frente a calçada que varria e me conta:

1. "Histórias da Vila Anglo Brasileira - Contada por alguns de seus mais antigos moradores".
2. Relato de morador retirado do livro de Leandro Gatti.

A vegetação que nasce entre as frestas é a mesma que verdeja nas praças.

Por que não assumir a espontaneidade e força da vegetação que se desenvolve naturalmente ao transformar um problema de manutenção em alternativa? Desde o Tapete-inglês no vaso da varanda até as árvores de araca, que já foi de forte presença na região, as espécies encontradas pelo caminho já são a própria paisagem e as histórias contam como o verde já ocupou esse lugar.



"[...] Agora tem, olhando esses morros aqui da Rifaina, que era tudo descampado, era tudo mato...Quando a gente chegava, por exemplo, na época de Semana Santa, esses morros aí tinham uns capins fininhos... Não sei se você conhece, chamava Barba de Bode[...]"⁴



O Cerrado Infinito, na pça. da Nascente, é uma intervenção experimental de recriação da paisagem do cerrado paulista como arte ruderal de descolonização da vegetação, de autoria de Daniel Caballero e mantido coletivamente.



Fotos: autoria própria, 2022.

4. Relato de morador retirado do livro "Histórias da Vila Anglo Brasileira".

Ao longe,
o bairro é
textura.
Efeito da
coleção dos
pequenos
elementos das
casas e ruas.

80

Tons terrosos, piso de
caquinho, o tijolo e os
elementos vazados, co-
lunas em cor primária
que sustentam o teto
baixo sobre o “por-
tãozinho” da garagem.
Uma materialidade que
é familiar a cada resi-
dência, enquanto com-
partilha características
em um único mosaico
na paisagem.

construir a paisagem



81

Colagem: autoria própria, 2022.

construir a paisagem

uma proposta de percurso

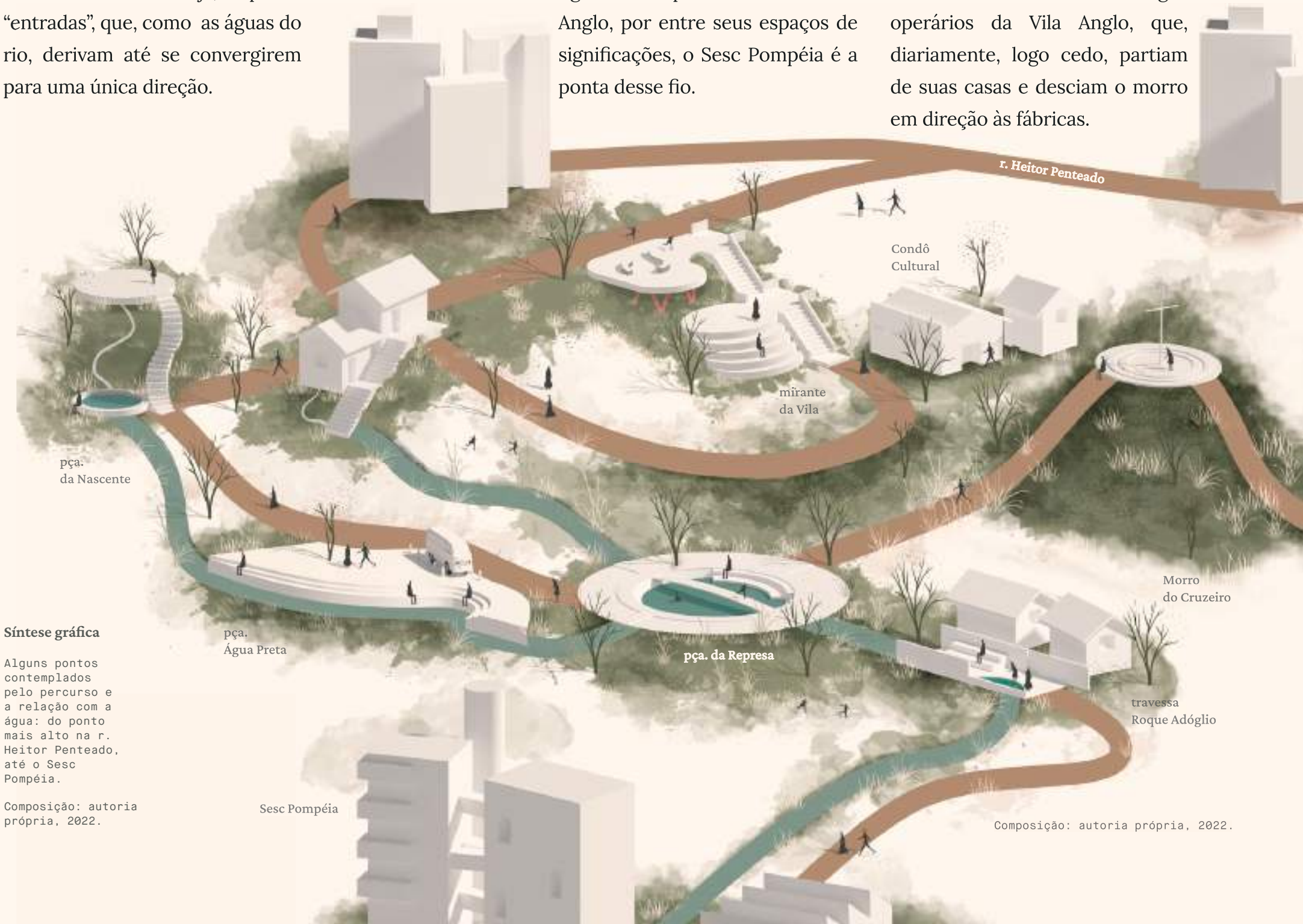
Tendo em vista a constelação de significações contida no conceito de **lugar**, que é individual e conjunto, transitório e duradouro, subjetivo e palpável, o percurso, então, busca ser a organização da fragmentada **construção da paisagem**, integradas no espaço por um mesmo fio condutor de afetos.

As escolhas aqui feitas para a elaboração do percurso, são produto direto da leitura de paisagem do bairro e seu entorno realizada no capítulo anterior, e que busca adentrá-lo guiado pelos mesmos desígnios.

O convite a essa caminhada, portanto, acontece em quatro momentos. Ou seja, quatro “entradas”, que, como as águas do rio, derivam até se convergirem para uma única direção.

A partir desse encontro, que acompanha o curso natural do Água Preta pelo interior da Vl. Anglo, por entre seus espaços de significações, o Sesc Pompéia é a ponta desse fio.

De forma espontânea, talvez estejamos por refazer aquele movimento laborioso dos antigos operários da Vila Anglo, que, diariamente, logo cedo, partiam de suas casas e desciam o morro em direção às fábricas.



Síntese gráfica

Alguns pontos contemplados pelo percurso e a relação com a água: do ponto mais alto na r. Heitor Penteado, até o Sesc Pompéia.

Composição: autoria própria, 2022.

Composição: autoria própria, 2022.



Partimos da praça Amadeu Decome com vista para o Pico Jaraguá, que situa o bairro pela mais alta referência geográfica, o morro testemunho de São Paulo, localizado no extremo norte da cidade. Nesse respiro verde há uma nascente tímida que se une a outras linhas d'água e se derramam a sudoeste no Pinheiros, diferente do Água Preta, que corre para nordeste, ao encontro do Tietê. Essa oposição deixa claro o papel de divisor de águas que o cume que acomoda a rua Heitor Penteado exerce na dinâmica hídrica local.

Descendo a Rua Aurélia, na continuação, a discreta e sem saída Travessa Vazante, guarda para si a visual panorâmica mais ampla do interior da Vila Anglo Brasileira, sendo ela uma porta de entrada à experiência de totalidade do bairro em um único ponto.

Em seguida, a paisagem se estreita para o interior da Viela Estevam Garcia de improvável cenário de cidade.

Praça Amadeu Decome



Travessa Vazante



Vila Estevam Garcia



segunda entrada



No primeiro acesso ao bairro pela antiga Estrada do Araçá, atual Heitor Penteado, o Mirante Vila Anglo proporciona outro panorâmico entendimento que complementa os demais mirantes. Esse que atravessa a montanhosa borda norte da cidade acomodada no mosaico de centenas de edifícios, casas e ruas. De lá é possível ver além da margem oposta do Tietê, de maneira que a distante Igreja Nossa Senhora do Ó cabe na ponta de um dedo.

Sempre em descida, o próximo momento é a antiga construção dos anos 30, que já foi escola, hospital e hoje abriga uma casa de cultura e moradia de artistas. Condô Cultural preserva as instalações do edifício em sua forma original, ao mesmo tempo que oferece atividades inusitadas ao bairro.

Após seguir as curvas da Rua Mundo Novo, o próximo encontro é com o bar do Vidal, senhor que herdou o estabelecimento que sempre fora boteco desde os anos 1950, e sua decoração conta essa história.



Mirante da Vila

Condô Cultural



Bar do Liberal



Foto: autoria própria, 2022.

terceira entrada



Aqui, já no último acesso pela Heitor Penteado, cria-se uma visada paralela. De um lado a Praça Cazuza, voltada para a marginal Pinheiros, por onde vê-se muito claramente a Cidade Universitária identificada pela torre do relógio, que, por sua vez, assinala a praça com o paisagismo do professor Silvio Macedo.

Do outro, a praça Paulo Schiesari, que se orienta para o Tietê, de onde se pode ver a Av. Pompéia em sua marcante diagonal morro acima.

- percurso
- lugar existente
- lugar imaginado
- mirante
- Escadão
- nascente
- rio

Praça Cazuza



Praça Paulo Schiesari



quarta entrada

106

uma proposta de percurso



A quarta aproximação é essencialmente a construção do caminho das águas.

Se inicia na Praça da Nascente, ao lado da Av. Pompéia, onde, como o nome diz, reserva joia incomum na São Paulo contemporânea: um represamento em forma de lago com animais aquáticos, como sapos e pequenos peixes que ressurgem na paisagem.

A deriva continua até a Travessa João Mathias, viva e colorida. Conhecida pelo ambiente de acolhimento imediato que recepciona qualquer um que a atravessa com vontade de permanecer.

A Praça Água Preta, na sequência é concentração. O comércio informal tem ali um ótimo ponto, uma vez que está bem próxima da Av. Pompéia e do largo trecho do Rio que dá nome à praça.

Ao passar para a quadra seguinte, progressivamente a Praça da Represa se exhibe e convida o cansaço a relaxar sob as copas de suas árvores ao som da água mexida pela correnteza sutil ou pelas crianças que brincam na margem. Estimulado pelo reflexo inusitado da espelhada superfície, o devaneio abarca e influi.

Capturada pela deriva, a sequência, então nos leva à Travessa Roque Adógllo. Uma apropriação coletiva espontânea, cultural, educativa e ecológica. Um exemplo feliz e lúdico de habitar os esquecidos becos.

107

uma proposta de percurso

Praça da Nascente



CAMINHAR /

Exercício Paisagístico pela Vila Anglo Brasileira

Travessa João Mathias



Composição: autoria própria, 2022.





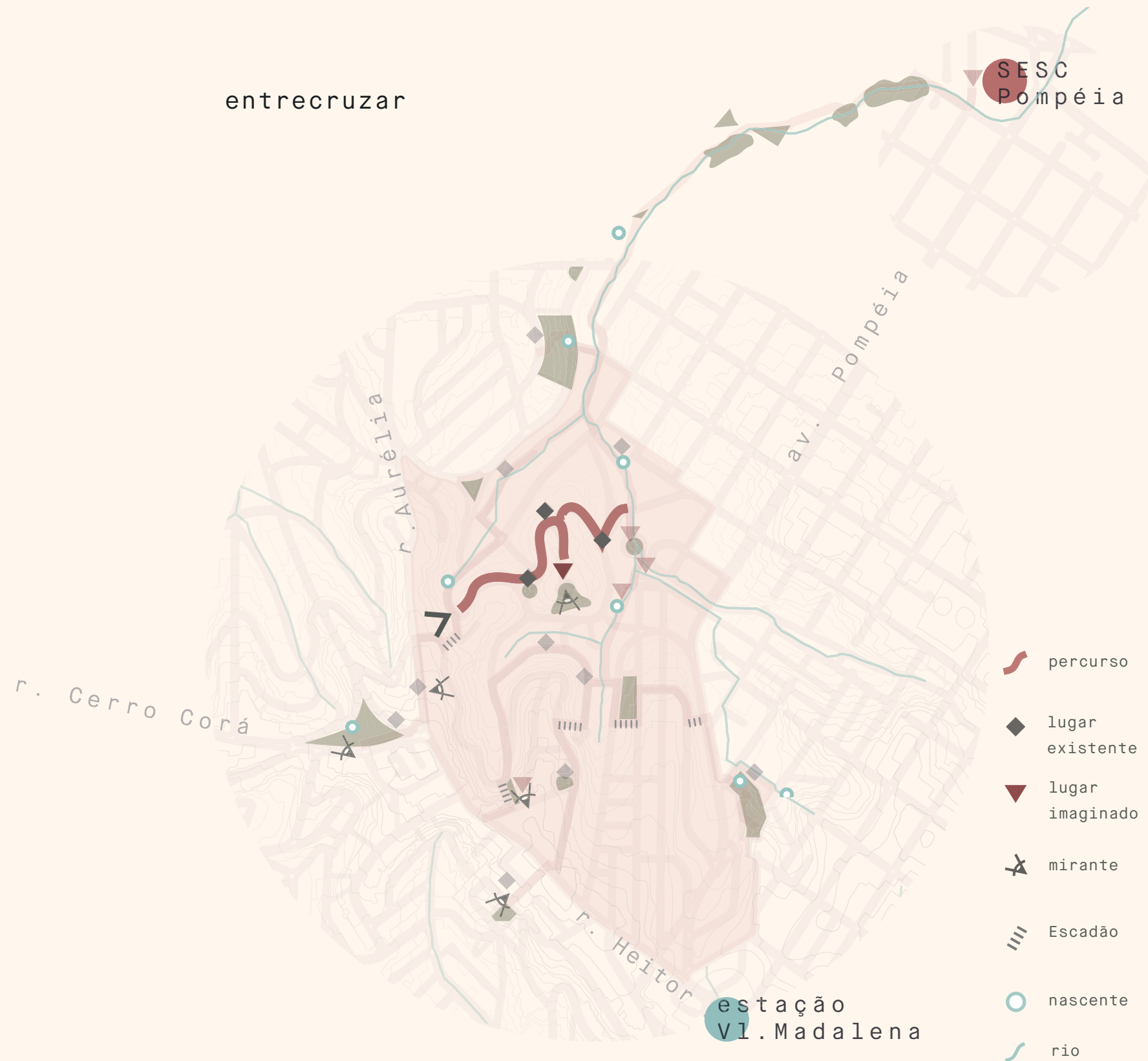
Praça da Represa

Travessa Roque Adólio



entrecruzar

118



uma proposta de percurso

Já inserido nos afetos do bairro, agora podemos visitar seu interior.

Inclinada como a própria superfície em que foi implantada, a pça. Araçariguama é a própria vertigem. Ao acessá-la pela intensa declividade da rua Bica de Pedra, é possível perceber o quebra-cabeça de casas ao longe como um plano, e, sem referência de profundidade, a impressão é de constante iminência de queda.

Mais à frente, a Paróquia da Vila Anglo aponta para um acesso tímido entre casas. Ao seguir tal direção é o cume do Morro do Cruzeiro que se anuncia a cada passada de pernas. Lá, uma grande cruz de madeira marca não só uma origem católica do bairro, mas também é referência cardeal, já que apontando para o sul geográfico e remete à constelação de enviesada cruz.

A Casa Barco, espaço de encontros e música em curiosa construção, com pouco mais de dois metros de frente, é notadamente a extensão vertical da calçada mais sincera e modesta do bairro.

119

uma proposta de percurso

Praça Araçariguama



Foto: autoria própria, 2022.

Paróquia N. S. Aparecida de Vila Anglo Brasileira



Foto: autoria própria, 2022.

Morro do Cruzeiro



Casa Barco



Foto: autoria própria, 2022.

até a Fábrica



Por fim, o caminho se estica como um desejo de encontrar um elemento que representa de maneira tão importante a formação operária dos bairros junto à ferrovia. Ao passo que podemos, em um único movimento, nos despedir do Água Preta, ao encontrar outra bela nascente de fácil acesso, logo na calçada, antes dele se diluir nas várzeas do Tietê por entre o deck do Sesc Pompéia.

A fábrica de Lina que abrange história social e material, que transforma uma construção banal dos anos 70 em ícone arquitetônico de cultura e imaginação.

Praça Diogo do Amaral





Sesc Pompéia - Água Preta

Composição: autoria própria, 2022.



entradas

- 1^a**
- ◆ prç. Amadeu Decome
 - ◆ r. Vazante
 - ◆ vla. Estevam Garcia
- 2^a**
- ▼ a mirante da Vila
 - ◆ b Condô Cultural
 - ◆ c bar do Liberal
- 3^a**
- ◆ a pça. Cazuza
 - ◆ b pça. Paulo Schiesari
- 4^a**
- ◆ a pça da Nascente
 - ▼ b tva. João Mathias
 - ▼ c pça. Água Preta
 - ▼ d pça. da Represa
 - ◆ e trv. Roque Adóglgio

entrecruzar

- ◆ a pça. Araçariguama
- ◆ b Paróquia da Vila Anglo
- ▼ c Morro do Cruzeiro
- ◆ d Casa Barco

até a Fábrica

- ◆ a pça. Diogo do Amaral
- ▼ b deck do Sesc Pompéia

considerações finais

Entre a experiência e o encontro, a caminhada é esse ato de descoberta e conexão de corpo e meio.

O progressivo esquecimento desse hábito primordial, — que promove e mantém viva as dinâmicas sociais com a cidade e relaciona os espaços pelo encontro — pode ser a condenação de uma vida de afetos e significações.

Portanto, só por meio da vivência e pela experiência dos lugares, se poderia realizar com respeito e responsabilidade os rearranjos subsequentes e velozes pelos quais os bairros de São Paulo nunca deixaram de sofrer, e, caso contrário, não seria mais do que uma insensata ingerência.

Cada espaço resiste a sua forma. Talvez pela condição econômica menos favorecida, seu relativo isolamento geográfico na “parede” de uma encosta ou por suas ruas que confundem o forasteiro, a Vila Anglo Brasileira, a seu modo resiste a pragmática substituição dos lugares de afetos pela impessoalidade dos uniformes empreendimentos pouco democráticos e de fingido adensamento.

Esse bairro, que lembra a forma de um coração, é, e sempre será, **casa**, para mim e tantos outros vizinhos (antigos e recém chegados), amigos e visitantes de todos os cantos, que participam das agradáveis cenas que compõem o pequeno bairro. E que, de algum modo, deixo nessa experiência um convite a todos para uma visita ao meu **lugar**.



referência bibliográfica

ANDRADE, Carlos Roberto . **À Deriva - Introdução aos situacionistas**. Campinas: Revista Oculum, PUC-CAMPINAS - m.4, 1993, p. 16-19.

BARTALINI, Vladimir. **Os córregos ocultos e a rede de espaços públicos urbanos**. PosFAUUSP, [S. l.], n. 16, p. 82-96, 2004.

BESSE, Jean-Marc. **O Gosto do Mundo- Exercícios de paisagem**. Trad. Annie ambe. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2014.

CABALLERO, Daniel. **Guia de campo dos campos de Piratininga**. São Paulo: La luz del Fuego, 2016.

CABRAL, Arthur. **Caminhar, descobrir e projetar: Reflexões sobre a deriva e o fazer projetual em paisagismo**. Revista Jatobá, Goiânia, 2020, v.2, e-63426.

CARERI, Francesco. **Walkscapes: o caminhar como prática estética**. 1 ed. São Paulo: Editora G. Gili, 2013

GATTI, Leandro. **Histórias de Vila Anglo Brasileira - Contada por alguns de seus mais antigos moradores**. 2 ed. São Paulo: Baraúna, 2015.

JACQUES, Paola Berenstein. **Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

NORBERG-SHULZ, Christian. **O fenômeno do lugar**. In: NESBITT, Kate. Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica 1965-1995. São Paulo: Cosac & Naify, 2006, p. 444-459.

PALLAMIN, Vera. **Fenomenologia, paisagem e arte contemporânea**. São Paulo: Revista Paralaxe, v.3, nº2, 2015.

ROZESTRATEN, Artur Simões. **Poéticas dos lugares: entre a hegemonia e a autonomia radical das imagens – uma reflexão crítica sobre iniciativas iconográficas institucionais WEB e experiências sensíveis em Lyon e em São Paulo**. São Paulo: FAUUSP/FAPESP, 2020.

WEHMANN, Hulda Erna. **Habitar a paisagem: o reconhecimento da experiência estética como direito à cidade**. Tese (Doutorado). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2017.

publicações na web

Lightgraphite. **Flâneur - A person who walks the city in order to experience it**. Lightgraphite.wordpress.com, 2011. Disponível em: <https://lightgraphite.wordpress.com/art-and-design-in-context/flaneur-a-person-who-walks-the-city-in-order-to-experience-it/>

Primeiro Tempo - Sesc Pompéia 30 anos. Canal Instrumental Sesc Brasil no YouTube, 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TzgEzMClH4E>.